



BOOK REVIEW

Dutra e Silva S 2017.
*No Oeste, a terra e o céu: a expansão da
fronteira agrícola no Brasil Central.*
Mauad X, Rio de Janeiro, 304 pp.

Gerd Kohlhepp ¹

As histórias da expansão das frentes pioneiras, sobretudo no Estado de São Paulo e no Norte do Paraná, bem como nas atuais fronteiras de ocupação na Amazônia, já haviam sido objeto de importantes estudos científicos. Agora, o historiador Sandro Dutra e Silva apresenta de forma expressiva um livro sobre a expansão da fronteira agrícola no Cerrado e na região de floresta tropical conhecida historicamente como “Mato Grosso de Goiás” no período dos anos 1930 até 1950. Sob o ponto de vista da história ambiental, as pesquisas analisam a ocupação da paisagem natural do Planalto Central e os diversos ciclos da expansão da fronteira agrícola nas três décadas antes da fundação de Brasília, capital federal do Brasil.

O estudo se destaca pela sua estruturação clara e pertinente: depois da ocupação territorial do Oeste (cap. 1) é mostrada a “terra da promessa” com a valorização dos recursos naturais através da colonização agrária (cap. 2). No cap.3, por meio das categorias do pioneiro e do bandeirante, são apresentadas as referências simbólicas da “Marcha para o Oeste”. O Mato Grosso de Goiás (MGG), uma floresta tropical semidecídua no bioma Cerrado, é abordado por suas condições naturais e a ocupação pioneira (cap. 4). O estudo apresenta o processo de povoamento promovido pela colonização na Colônia Agrícola Nacional de Goiás, mas também o seu rápido desmatamento (cap.5). Especialmente marcante é a intensidade da inclusão das questões urbanas na fronteira, com destaque para a cidade de Anápolis (cap.6), que é apresentada como a capital da fronteira agrícola do Brasil Central naquela época. Na parte II do livro, o autor dedica-se (cap. 7) à formação social do espaço urbano da colônia agrícola e à diferenciação sócio-espacial das cidades da fronteira (cap.8), no exemplo de Ceres e a Barranca (Rialma). O capítulo 9 tematiza a formação simbólica do Oeste e os mitos referentes a Bernardo Sayão, como herói nacional e o bandeirante do século XX.

¹ Professor Emeritus de Geografia Econômica e Social. Ex-Diretor do Centro de Pesquisas sobre a América Latina, Instituto de Geografia, Universidade de Tübingen/ Alemanha. gerd.kohlhepp@t-online.de

Gerd Kohlhepp

A história da fronteira em Goiás é analisada por meio da relação entre sociedade e recursos naturais no Cerrado, associada a inúmeros conflitos pela conquista territorial em Goiás, envolvendo o colonizador e suas ações violentas contra as tribos indígenas da região. A passagem da fronteira de mineração à fronteira de gado até a fronteira agrícola é detalhadamente analisada. Depois dos bandeiras mineradoras do século XVIII com a criação das primeiras cidades (Goiás 1726), o livro apresenta a expansão da fronteira do gado, que até os anos de 1930 foi a atividade econômica de maior importância, e que explorou as terras devolutas do Cerrado após o esgotamento do ouro. Os Senhores de gado, coronéis com poderes políticos e econômicos, formavam a elite da fronteira marcada por conflitos da terra e violência.

Com o Estado Novo (1937-1945), uma nova política de colonização foi iniciada em 1937 com a “Marcha para o Oeste”. O Oeste tornou-se a nova “terra da promessa” no Brasil Central, sobretudo por meio da fronteira nacionalizante que divulgava o sonho do progresso aos colonos. Doação de terras e implantação de colônias agrícolas nacionais causaram o surgimento do mito do “Novo Eldorado” com “traços de conservadorismo romântico” (p.56). Extensa propaganda pela migração interna foi a marca dessa fase. Sob o ponto de vista geopolítico, a periferia da periferia deveria ser explorada e povoada e mostrou-se de difícil controle político pelo isolamento territorial e dificuldades de acesso.

Com a ligação ferroviária para Anápolis em 1935 começou uma intensa imigração na região florestada do Mato Grosso de Goiás. A colonização e a produção de gêneros alimentícios tiveram, pela primeira vez, prosperidade com a instalação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) em 1941. A criação de Colônias tinha como objetivo o assentamento prioritário de agricultores brasileiros em regiões de pouca densidade populacional, associado à ideologia nacionalista do discurso da brasilidade. CANG (200.000 ha) como primeira e maior Colônia, foi o símbolo maior dos benefícios sociais do Estado Nacional e da nova política de integração nacional e da ideologia do progresso. Além da centralização das políticas sociais para o interior, os núcleos urbanos foram importantes como centros irradiadores da cultura nacional. O autor realiza muito bem “analisar o conteúdo simbólico que envolve o mito bandeirante e a sua utilização ideológica na construção simbólica do território e do pioneiro do Oeste” (p. 80).

Como apoio para seu trabalho de história ambiental, o autor inclui em suas análises as pesquisas detalhadas dos geógrafos Leo Waibel, Speridião Faissol, Henry Bruman, Preston James e Orlando Valverde a partir de 1946 quanto às condições naturais, a ocupação humana e o uso da terra.

Gerd Kohlhepp

Em diálogo interdisciplinar com botânicos e geógrafos o autor trata, sobretudo, da destruição da vegetação natural no Cerrado, da devastação ambiental no Mato Grosso de Goiás pela colonização agrária que levou à destruição de 70% das florestas até 1950. A rotação de terras em pequenas propriedades de 25 ha teve como consequência o esgotamento do solo e a estagnação da agricultura.

A cidade como elemento da fronteira havia sido tratada de forma intensa somente em poucos estudos anteriores. Por isso é muito importante o fato das questões urbanas merecerem significado especial no presente trabalho. O desenvolvimento agrícola da CANG foi decisivo para que Anápolis se tornasse no principal centro de distribuição de produtos agrários do Brasil Central, contribuindo, inclusive, para o abastecimento da nova capital Goiânia fundada em 1933 às bordas do Mato Grosso de Goiás. Com seu planejamento urbano inovador, Goiânia trouxe a modernidade para Goiás, acelerando com isso o progresso econômico. Ceres, como sede da CANG e a Barranca, tornaram-se pequenos centros urbanos na “boca do sertão” e com por essa razão, tornaram-se portões de entrada para novos colonos à procura de terras.

Além de colonos e fazendeiros vinham para a região nos anos de 1940 e 1950, outras pessoas com as mais diversas profissões. O desenvolvimento regional chamou a atenção não só da imprensa nacional como internacional, levando a comparações com a história do Oeste dos Estados Unidos. A construção de estradas também trouxe novas perspectivas. A inclusão de Anápolis no tráfego aéreo internacional, por exemplo, com voos para Miami iniciados em 1943, fez com que compradores de terras dos Estados Unidos como também escritores e artistas famosos de Hollywood viessem para a região, e muitas vezes, somente como visitantes. Esse episódio desse desenvolvimento fora do comum durante a segunda guerra mundial é apresentado detalhadamente pelo autor com base em intensivos estudos documentais e em entrevistas. Mais tarde, durante o pós-guerra, fracassaram as tentativas do governo goiano em convencer camponeses holandeses, italianos, japoneses e suábios do Danúbio a permanecerem na região.

O planejamento para as colônias agrícolas nacionais previa a criação de uma sede urbana. Em um dos capítulos centrais do trabalho, o autor ocupa-se com a análise dos processos históricos responsáveis pela fundação de pequenos núcleos urbanos, vistos, a partir de documentação da época, como “núcleos de civilização”. A situação de Ceres como sede da CANG e a separação de Barranca pelo rio das Almas são analisadas com grande sensibilidade, utilizando, inclusive, as concepções imaginárias da cidade desejada. Para a seleção de colonos na CANG foi instituído um padrão de valores morais impostos pelos burocratas da fronteira na época. Havia uma conduta moral e a proibição de

Gerd Kohlhepp

bebidas alcoólicas. A racionalidade do planejamento urbano mostrou uma concepção do espaço social dominado pelos serviços públicos e não mais religiosos, apesar da particular influência protestante na Colônia.

O enfoque está na diferenciação social e sócio-espacial entre Ceres e Barranca. Na imaginação dos moradores de Ceres, a cidade da Barranca, no outro lado do rio, simbolizava “outra sociabilidade, outra cultura e outra identidade” (p.216). A Barranca representava um núcleo provisório, estigmatizado, um lugar de marginalizados e excluídos, um dos “lugares malditos do Oeste”. As lembranças dos pioneiros de Barranca esclareciam que a visão negativa do outro era uma estratégia de distinção. Na Barranca, mesmo com violência característica do movimento de aventureiros na fronteira, desenvolveu-se uma dinâmica atividade comercial e cultural.

Com a “Marcha para o Oeste”, Getúlio Vargas fortaleceu discursivamente o mito da fronteira. Alguns personagens históricos foram interpretados como na “era dos bandeirantes”. Neste contexto deve ser mencionado principalmente Bernardo Sayão, nomeado como administrador da CANG por Getúlio Vargas, tendo ocupado mais tarde outros importantes cargos políticos em Goiás e na nova capital federal. Seu nome está ligado ao processo da “fabricação” da imagem pública do herói bandeirante moderno, sobretudo junto aos moradores pioneiros da Colônia. Pelo seu trágico e fatal acidente, ocorrido durante sua chefia na construção da rodovia Belém-Brasília em 1959, deu-se uma mistificação de Sayão. A “Marcha” ligada à ocupação do *binterland* brasileiro, à expansão da fronteira agrícola, à fundação de cidades e ao “verdadeiro sentido de brasilidade”, contribuiu para a criação de novos mitos no Sertão. Isto, especialmente no Oeste do Brasil, a “terra de promessa” da época.

O livro de Sandro Dutra e Silva destaca-se não somente pelos intensos estudos de literatura e em arquivo, mas representa, sobretudo, a história regional e social vivida e o desenvolvimento econômico de uma zona pioneira do Brasil Central. Nisto, a história ambiente de Mato Grosso de Goiás está no centro, junto à análise crítica da devastação de paisagens naturais. Ao contrário de outras publicações sobre a fronteira agrícola, concentradas numa disciplina científica, este trabalho apresenta caráter inter e multidisciplinar do conhecimento. O trabalho integra resultados das pesquisas históricas (história ambiental), da ecologia, geografia econômica e urbana e também da sociologia.

A alta qualidade científica das abordagens é acompanhada por apresentação estilística de vitalidade e por empatia à sua região. O autor, há vários anos vivendo na região de estudo, está completamente familiarizado com os mitos e símbolos do lugar e com os parâmetros sócio-

BOOK REVIEW

Dutra e Silva S 2017. No Oeste, a terra e o céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central. Mauad X, Rio de Janeiro, 304 pp.

Gerd Kohlhepp

psicológicos da população. A reprodução de entrevistas, ricas em detalhes históricas, com testemunhas enriquecem o estudo.

O livro preenche uma importante lacuna na literatura científica sobre as fronteiras agrícolas brasileiras, sendo fonte importante para o estudo acerca do desenvolvimento da região do Brasil Central, sobretudo no antigo Mato Grosso de Goiás. Essa região, outrora uma floresta tropical no Cerrado, passou por uma rápida transformação em sua paisagem. O autor nos indica que ele tem a esperança de “a crítica aos processos, aos discursos e, sobretudo, à relação entre sociedade e natureza, po[ssa] ser uma contribuição privilegiada da história ambiental à concepção do imperialismo ocidental antropocêntrico” (p.283). Com seu excelente trabalho ele fornece as provas de forma convincente.

Submissão: 03/02/2018

Aceite: 24/04/2018